

A história contada pelas irmãs Adília e Maria da Graça

filhas de Margarida Cardoso e de Manuel Joaquim Júnior

ENTREVISTA COM ADÍLIA DO CARMO CARDOSO

MARÇO, 2018

Osenhor Bárcia primeiro veio para a casa da tia [Amélia], ainda rapaz novo e solteiro. Depois casou e veio para o Cabeço das Vacas, que era dos tios da minha mãe [João Guilherme Cardoso]. Veio o senhor Bárcia, a mulher [Isaura], a governanta e trouxeram também uns cães. Isto foi no tempo em que a minha mãe morava lá na serra. Eles também ficaram a conhecer a Angélica, que era filha de João Guilherme Cardoso e morava na Silveira [outro casal agrícola, situado na serra do Louro, próximo do Cabeço das Vacas]. Não sei quantos anos foi para o Cabeço das Vacas. A senhora [Isaura], a primeira mulher, era muito doente; nunca teve uma vida boa. Estiveram muito tempo sem aparecer. Passado muito tempo, o senhor Bárcia apareceu na aldeia a pedir para alugar a casa da minha mãe. Ele

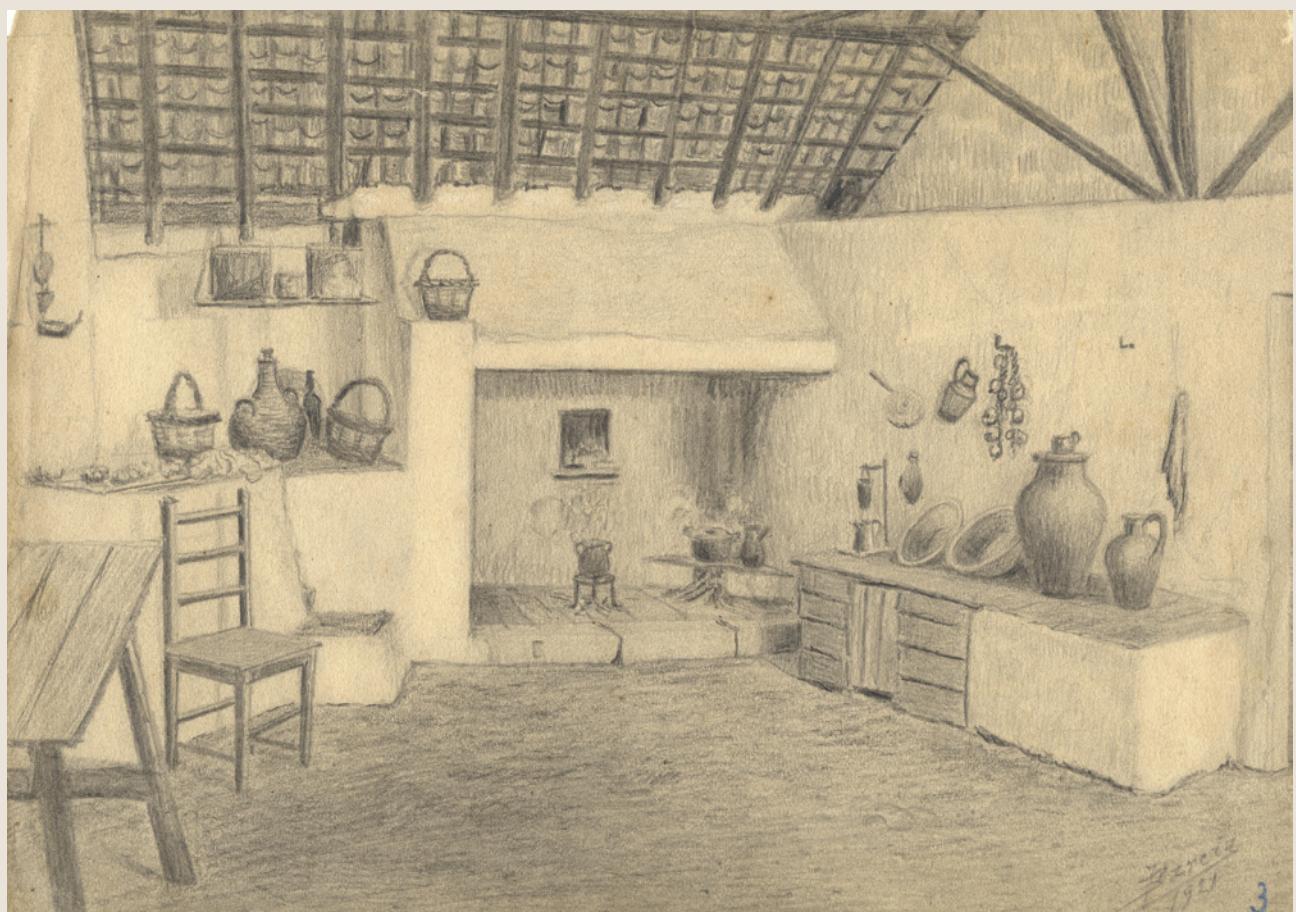
queria ficar nos Bacetos. Já tinha uns 60 anos, vinha com a segunda mulher e com a enteada. Eles vinham de camioneta [de carreira] e ainda trouxeram uma criada.

Nessa casa morava a minha mãe Margarida, o meu pai, Manuel Joaquim Júnior, eu, o meu irmão Duarte e a minha irmã Maria da Graça [que talvez ainda não fosse nascida].

Nem queira imaginar o que era viver com toda aquela gente! O que vale é que o meu pai era uma pessoa muito calma e aceitava tudo muito bem. Ficaram por três meses.

A D. Rosa chamava à filha de «Santa» e as pessoas da aldeia chamavam-lhe a «menina Santa».

A minha mãe alugou a casa. Pô-los a viver na sala grave [a melhor sala da casa] e em dois quartos. A minha família ficou a viver na casinha da costura e



106 Cozinha da Casa que habitei na Quinta do Anjo, Palmela, no anno de 1921.

Não se sabe que casa era esta, mas as cozinhas nas casas pobres eram muito semelhantes. Nesta, o telhado não tem forro e o chão é de terra batida.

Col. José Bárcia / Maria Ascenso.